

**Submissão**

30-07-2024

Aprovação

14-08-2024

Como citar este artigo

Carvalho MOF, Peres MAA. Doralice Ayres: uma vida dedicada à enfermagem. *Hist Enferm Rev Eletr.* 2024;15:e008. <https://doi.org/10.51234/here.2024.v15.392>.

Autor correspondente

Milena de Oliveira Figueiredo Carvalho
E-mail: milena.ofigueiredo@gmail.com

Doralice Ayres: uma vida dedicada à Enfermagem

Doralice Ayres: a life dedicated to Nursing

Doralice Ayres: una vida dedicada a la Enfermería

Milena de Oliveira Figueiredo Carvalho^I ORCID: 0009-0001-0034-6912

Maria Angélica de Almeida Peres^{II} ORCID: 0000-0002-6430-3540

^I Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^{II} Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN, Departamento de Enfermagem Fundamental. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO

A reportagem publicada na Revista *Enfermagem Moderna* em julho/agosto/setembro de 1983, por Verônica Cobas, retrata a trajetória de Doralice Regina Ayres, enfermeira formada pela Escola Anna Neri. Embora a Enfermagem não fosse seu sonho inicial, tornou-se sua paixão. O texto destaca sua carreira na Santa Casa de Santos, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro e na Escola Anna Neri, além de aspectos pessoais. A narrativa é envolvente e reflete com sensibilidade as memórias e vivências de Doralice, oferecendo uma visão rica e autêntica sobre sua experiência profissional e pessoal.

Descritores: História da Enfermagem; Enfermeiras e Enfermeiros; Biografia; Entrevista; Enfermagem.

ABSTRACT

The report published in the *Revista Enfermagem Moderna* in July/August/September 1983, by Verônica Cobas, portrays the career of Doralice Regina Ayres, a nurse who graduated from the *Escola Anna Neri*. Although Nursing was not her initial dream, it became her passion. The text highlights her career at *Santa Casa de Santos*, the *Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro*, and *Escola Anna Neri*, as well as personal aspects. The narrative is engaging and sensitively reflects Doralice's memories and experiences, providing a rich and authentic view of her professional and personal life.

Descriptors: History of Nursing; Nurses; Biography; Interview; Nursing.

RESUMEN

El reportaje publicado en la *Revista Enfermagem Moderna* en julio/agosto/septiembre de 1983, por Verônica Cobas, retrata la trayectoria de Doralice Regina Ayres, enfermera graduada en la *Escola Anna Neri*. Aunque la Enfermería no era su sueño inicial, se convirtió en su pasión. El texto destaca su carrera en la *Santa Casa de Santos*, en el *Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro* y

en la *Escola Anna Neri*, así como aspectos personales. La narrativa es cautivadora y refleja con sensibilidad los recuerdos y vivencias de Doralice, ofreciendo una visión rica y auténtica sobre su experiencia profesional y personal.

Descriptores: Historia de la Enfermería; Enfermeras y Enfermeros; Biografía; Entrevista; Enfermería.

APRESENTAÇÃO

Durante a década de 1940 a Enfermagem crescia na sociedade como profissão feminina, tornando-se uma opção de carreira almejada por diversas brasileiras. Apesar deste não ser exatamente o sonho de Doralice Regina Ayres, a Enfermagem se tornou sua grande paixão, o que foi registrado em periódico da profissão. O presente texto trata de uma reportagem sobre a trajetória profissional da enfermeira, Doralice Ayres, formada pela Escola Anna Neri da Universidade do Brasil, atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas que à época da publicação estava aposentada. Há relatos de sua experiência como enfermeira na Santa Casa de Santos, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro e também na Escola Anna Neri, além de conexões com sua vida pessoal. A reportagem é de autoria de Verônica Cobas e foi publicada na Revista Enfermagem Moderna, volume 1, número 3, de julho/agosto/setembro do ano de 1983⁽¹⁾, encontrada no Centro de Documentação da EEAN/UFRJ. A escrita permeia momentos de narração da autora e falas da entrevistada. As considerações feitas pela autora são sensíveis e pertinentes, valorizando as memórias de Doralice, que por sua vez tornam o texto leve e atrativo, além de muito fidedigno aos sentimentos, pensamentos e vivências de uma Enfermeira da época. Dessa forma, a produção é convidativa, vale a leitura e as reflexões a partir dela.

DOCUMENTO HISTÓRICO

N.º 3 - VOL. 1 - JUL. AGO. SET. 1983



Enfermagem Moderna

- * Doralice Ayres: Uma Vida Dedicada à Enfermagem
- Enfermagem do Hospital do Andaraí Pedê Defesa
- Aspectos de Enfermagem ao Paciente Submetido a Proctocolectomia
- Vitamoterapia
- II Encontro Estadual de Enfermagem Médico-Cirúrgica

4

Texto: Verônica Cobas

Reportagem

Doralice Ayres: Uma Vida Dedicada à Enfermagem

A história de Doralice Regina Ayres pode ser, à primeira vista, igual à de milhares de outros profissionais, que em diferentes carreiras estiveram grande parte de suas vidas envolvidos com um determinado trabalho, uma determinada profissão. No caso de D. Doralice, no entanto, este roteiro pouco original é substituído por outro, mais rico, mais denso, mais emocionado, onde não existe espaço para o “estive por anos envolvida com determinada profissão”, mas sim um lugar muito especial para a sua própria definição do que foram estes 27 anos de trabalho com a enfermagem: “Eu dediquei a minha vida à enfermagem.”



Vol. 1 - N.º 3 - Jul./Ago./Set. - 1983

6 Doralice Ayres: Uma Vida Dedicada à Enfermagem

Formada em 1945 pela Escola Anna Neri, essa maranhense de 60 anos iniciou sua vida profissional na Santa Casa de Santos, na época recém-inaugurada, cujo corpo de enfermeiros era integralmente constituído pelas formandas da Anna Neri. “Este foi um período muito bom para mim, porque conhecíamos-nos todas, uma às outras. O trabalho então virou uma experiência fascinante, que pela primeira vez colocou na prática efetiva os ideais, os sonhos, a paixão de mulheres que tinham optado com amor pela enfermagem”.

E o amor foi inclusive o motivo que levou Doralice Ayres à profissão de enfermeira. O amor pela irmã, que sonhava com essa carreira, mas que às vésperas do concurso para o cargo de visitadora sanitária (na época das campanhas de vacinação no Maranhão) — uma espécie de aval para o ingresso na escola — adoeceu e não pôde ingressar na função. Doralice, então, induzida por sua irmã, veio para o Rio e entrou para a escola Anna Neri. O resto... Bem, o resto ela mesma é quem conta:

— Eu não tinha a menor idéia do que queria fazer, do que era a enfermagem. Não foi por vocação que eu fui para a enfermagem, mas posso afirmar com certeza que me descobri na escola. E me descobria de uma maneira fascinante. Realmente a enfermagem era o caminho da minha vida, e na escola eu pude constatar isso.

Quando Doralice Ayres e o grupo de enfermeiras recém-formadas foram para o primeiro trabalho na Santa Casa de Santos, a experiência prática não era tanta novidade assim. A Escola Anna Neri dava estágios durante a formação e todas já tinham desfrutado da experimentação da enfermagem. É evidente, no entanto, que a primeira experiência profissional real é um fato marcante, e que Doralice experimentou “com prazer”, por dois anos.

— Lá na Santa Casa de Santos tínhamos um ambiente muito bom, amigo, tínhamos como diretor o Dr. Odair Pedroso, que tinha sido nosso professor, além do que tínhamos viajado com Rosali Rodrigues Taborda, que tinha acabado de ser nossa professora na escola. Tudo isso era muito positivo e por isso importante, profissionalmente. Fiquei dois anos lá e ao final deste período quis voltar para perto da família. Quando apareceu uma oportunidade, que nesta época eram muitas, porque havia poucos profissionais de enfermagem — eu retornei.

Da Santa Casa de Santos, Doralice veio para o Hospital dos Servidores do Estado, onde ingressou por concurso e onde permaneceu por 4 anos. Depois iniciou sua atividade como professora da própria escola Anna Neri, indo trabalhar no Hospital São Francisco de Assis, que era da Universidade Federal do Rio de Janeiro, passando depois ao atual Hospital Universitário, onde se aposentou. Especializada em doenças infecto-contagiosas, em curso feito nos Estados Unidos, com bolsa da Fundação Rockefeller, Doralice viveu uma época de enfermagem onde as condições de trabalho eram praticamente inexistentes, onde até

mesmo para o material mais simples, as requisições eram difíceis e demoradas. Hoje a evolução dos tempos trouxe melhorias, vantagens e desenvolvimento. Mas perdeu-se com o tempo também, para Doralice, um lado mais humano da enfermagem.

— As condições de trabalho eram realmente precárias na época. Não havia pessoal, não havia curso de auxiliar. Você mesmo pegava as pessoas dispostas e preparava o auxiliar, fazia o treinamento. Mas, ao mesmo tempo, tinha um lado muito bom que hoje não vemos mais. Essas pessoas procuravam a gente para trabalhar no hospital como voluntárias mesmo, porque queriam essa atividade de auxílio aos doentes, gostavam disso. Hoje vemos apenas pessoas buscando um meio de ganhar dinheiro. É claro que é bom ganhar dinheiro no emprego, é fundamental. Mas é preciso também gostar muito do que se faz, principalmente quando se faz enfermagem. Na enfermagem é preciso entrega, carinho, amor pelo que se realiza. Sem isso é muito difícil uma boa enfermagem. E hoje vemos muitas pessoas optarem pela enfermagem, como profissão, para apenas ganhar dinheiro, o que eu acho muito triste.

Em quase 30 anos de atividade profissional, Doralice Ayres evidentemente já enfrentou todo o tipo de situação. Muitas situações felizes, algumas tristes, angustiantes, inúmeras gratificantes. Já passou inúmeras vezes por situações que envolveram, por exemplo, a velha polêmica no relacionamento entre médicos e enfermeiras. Mas para Doralice esta questão jamais foi realmente um problema. Por que? É ela quem diz:

— Porque eu sempre fui para lugares onde a enfermagem era chamada pelos médicos. A gente era esperada, como se fôssemos as “santas” que iriam salvar tudo. Isso ainda hoje acontece, principalmente, e quando hoje os médicos são obrigados a também assumir uma posição de administração no hospital, independente da atividade médica. E disso eles não entendem nada, estão iniciando e precisando muito da gente. Por isso eu não aceito esta questão da imposição dos médicos sobre os enfermeiros. Eu nunca vivi isso, sei até que acontece, mas acho que tudo depende do posicionamento da Enfermagem diante de seu trabalho. Ninguém nunca se sobrepôs a mim, porque eu nunca me sobrepus a ninguém. Eu não mando, eu trabalho junto. Somos todos elos de uma corrente. Quando você acredita nisto, não há desrespeito.

Para Doralice Ayres, o melhor período de sua vida profissional foi o vivido no Hospital São Francisco de Assis, onde ela era responsável pela unidade de doenças infecto-contagiosas. Neste centro trabalhavam poucos profissionais, a equipe era reduzida, mas intensamente unida e convicta do propósito de passar por cima de todas as dificuldades práticas, do material à mão-de-obra, pela saúde de seus pacientes.

Doralice Ayres: Uma Vida Dedicada à Enfermagem 7

- Eu não tinha a menor idéia do que queria fazer, do que era a enfermagem.

— Nós tínhamos dificuldades sim, do tipo falta de gaze, esparadrapo, leito, mas a equipe era tão boa, tínhamos um espírito de solidariedade tão grande e éramos médicos e enfermeiros tão conscientes de nossa função social, que tudo se resolvia. Havia médicos que não tinham sequer que ir ao hospital aos domingos, mas que iam para ver os seus clientes, porque sabiam que não havia quem os substituisse. Isso era muito bonito e difícil de ver repetido hoje.

Dentre as inúmeras situações difíceis vividas por Doralice nessa vida dedicada à enfermagem, uma das mais marcantes foi vivida no Hospital São Francisco de Assis, com a recuperação de uma criança de 11 anos, de tétano.

Filha de uma família carente, o sofrimento desta menina mobilizou todo o hospital, principalmente as enfermeiras, que se revezavam de 24 em 24 horas, não permitindo que por um minuto sequer a criança permanecesse sozinha.

— Foi uma luta, que resultou numa grande vitória. Naquele caso, desejávamos de todas as maneiras que ela se recuperasse, e principalmente sem seqüelas, sem mutilações. O resultado positivo foi uma coisa muito gratificante. Estes prazeres da vida da enfermeira são, sem dúvidas, o grande alento desta profissão. Este apego aos pacientes, que hoje as enfermeiras parecem perder, pela necessidade de entrega total ao trabalho — o número de profissionais é pequeno diante da demanda — é que nós vivíamos muito naquela época. Eu acho que este carinho transcende a obrigação da enfermeira, e é uma atitude que deve vir naturalmente, como resultado do carinho que o trabalho deve despertar. Um carinho, uma atenção, uma conversa antes da injeção, antes da cirurgia, o apoio à família, são atitudes que estão dentro da profissão. Isso faz bem ao coração e nos alimenta para a vida.

Respeitada pelos médicos como uma das profissionais mais bem preparadas da enfermagem brasileira, Doralice Ayres mantém até hoje um relacionamento muito bom e igual com esses profissionais médicos. Como ela sempre faz questão de repetir, "quando eu chego num novo centro, eu me reúno logo com os médicos, mostro o meu trabalho, quero saber do trabalho deles, e logo fazemos um jogo franco entre as obrigações de cada um. E o resultado é muito bom. Quando eles sabem do planejamento de uma unidade de enfermagem, que eles desconhecem, ficam impressionados. Os médicos desconhecem o trabalho da enfermagem, e por isso é que às vezes não o respeitam. Eles desconhecem a funcionalidade de nosso trabalho. E é preciso que saibam sempre."

Esta profissional tão importante para a história da enfermagem brasileira está aposentada há dois anos. Doralice pediu a aposentadoria para cuidar de sua mãe, muito doente. Há pouco mais de um ano, a mãe de Doralice faleceu. Alguns meses depois, por mais uma das ironias do destino, a irmã de Doralice, que a tinha induzido à enfermagem, sofreu um acidente cardiovascular e ficou absolutamente dependente de Doralice. E nesta hora, mais uma vez, a enfermagem responde por Doralice.

— Eu nunca agradei tanto a Deus por ter sido enfermeira. Hoje, com minha irmã na cadeira de rodas, eu agradeço com o coração por este caminho que segui e no qual me desenvolvi.

REFERÊNCIAS

1. Cobas V. Doralice Ayres: uma vida dedicada à enfermagem. Rev Enferm Mod. 1982;1(3):4-7.

AGRADECIMENTO

Agradecimento ao Centro de Documentação da EEAN/UFRJ.